



A carta aos Romanos e a sua relevância para o testemunho da Igreja contemporânea

The letter of the Romans and its relevance for the witness of the contemporary Church

Joelson Erbert Martins^[a] 

Curitiba, PR, Brasil

^[a] Faculdade de Teologia Evangélica (FATEV)

Vitor Hugo Schell^[b] 

São Bento do Sul, SC, Brasil

^[b] Faculdade Luterana de Teologia – FLT

Wilhelm Wachholz^[c] 

São Leopoldo, RS, Brasil

^[c] Faculdades EST

Como citar: MARTINS, Joelson Erbert; SCHELL, Vitor Hugo; WACHHOLZ, Wilhelm. A carta aos Romanos e a sua relevância para o testemunho da Igreja contemporânea. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 03, p. 550-563, set./dez. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.003.AO06>.

^[a] Mestre em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação Faculdades EST, e-mail: pastorjoelsonmartins@gmail.com

^[b] Doutor em Teologia pela Friedrich Schiller University Jena, e-mail: vitor.schell@flt.edu.com

^[c] Doutor em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação Faculdades EST, e-mail: wachholz@est.edu.br

Resumo

A carta de Paulo aos Romanos aborda diversos temas considerados fundamentais para a teologia, servindo de referência para o desenvolvimento e consolidação de boa parte da dogmática cristã. O presente artigo tem como objetivo analisar a relevância e a influência histórica e teológica da carta aos Romanos para a tradição cristã, pontuando temas fundamentais da carta para a teologia e a atuação da Igreja contemporânea. A abordagem foi desenvolvida com base na consulta de documentos, livros e artigos de pessoas teólogas e comentaristas bíblicos com contribuições importantes para a proposta da pesquisa como Martinho Lutero, Klaus Haacker, James D. G. Dunn, John Stott, Ricardo W. Rieth, Konrad Schmid e Jens Schröter, entre outras pessoas que se dedicaram ao estudo da carta ou trabalharam aspectos históricos e teológicos relevantes, servindo como referência para a elaboração do artigo e que ajudam a destacar aspectos relevantes para a reflexão atual sobre a carta aos Romanos.

Palavras-chave: Bíblia. Paulo. Carta aos Romanos. Igreja Cristã. Missão.

Abstract

Paul's letter to the Romans addresses several themes considered fundamental to theology, serving as a reference for the development and consolidation of much of Christian dogmatics. This article aims to analyze the relevance historical and theological influence of the letter to the Romans for the Christian tradition, highlighting fundamental themes of the letter for theology and the performance of the contemporary Church. The approach was developed based on consulting documents, books and articles by theologians and biblical commentators who make important contributions to the research proposal, such as Martin Luther, Klaus Haacker, James D. G. Dunn, John Stott, Ricardo W. Rieth, Konrad Schmid and Jens Schröter, among other people who have dedicated themselves to the study of the letter or who have worked on relevant historical and theological aspects, serving as a reference for the elaboration of the article and who help to highlight aspects relevant to current reflection on the letter to the Romans.

Keywords: Bible. Paul. Letter to the Romans. Christian Church. Mission.

Introdução

A carta de Paulo aos Romanos aborda temas fundamentais para a teologia, servindo de referência para o desenvolvimento e consolidação de grande parte da dogmática cristã. O impacto e relevância da carta ao longo da história da tradição cristã são percebidos na forma como ela influenciou e inspirou a Igreja, pessoas e a sociedade em diferentes épocas, contribuindo em muitos aspectos para o desenvolvimento da reflexão teológica e testemunho da fé cristã no mundo.

A teologia da carta aos Romanos conecta com o passado, mas também desafia a sua compreensão e aplicação na realidade presente. Com base numa pesquisa bibliográfica que procura analisar a relevância e influência histórica e teológica da carta para a tradição cristã, o presente artigo se ocupa com temas fundamentais da carta, refletindo sobre as implicações para a atuação missionária da Igreja contemporânea. Num primeiro momento, analisa-se o surgimento dos escritos neotestamentários, com destaque à carta aos Romanos, como frutos de um processo de elaboração da experiência do evento de Cristo nas comunidades primitivas à luz dos escritos normativos da tradição judaica. Em seguida, apresenta-se uma descrição histórica do impacto da carta aos Romanos sobre a vida e o pensamento de pessoas importantes na tradição da Igreja cristã e a contribuição dessas pessoas à teologia. A terceira parte aponta temas teológicos fundamentais da carta de modo a destacar aportes que desafiam a teologia e a atuação da Igreja cristã nos dias de hoje.

Aspectos gerais

Do ponto de vista da teologia cristã, a análise de qualquer escrito bíblico requer que se considere os aspectos gerais que permitem situá-lo em seu contexto histórico imediato e relacioná-lo com o todo das Escrituras e com a história da Igreja cristã. Extrapolaria o objetivo desse tópico apresentar uma longa discussão sobre autoria, data e os destinatários da carta aos Romanos, temas exaustivamente explorados na pesquisa crítica. Aqui importa que a carta seja situada num processo de construção histórica abrangente de “criação de sentido”, como uma “oferta de identidade” (Schnelle, 2017, p. 34-35) à comunidade em Roma e que sejam identificados aspectos centrais da carta para o desenvolvimento teológico e missionário da Igreja cristã, também na contemporaneidade.

Jesus não deixou nenhum material escrito, limitando-se a transmitir suas mensagens de forma oral, conectadas com práticas e atitudes que conferiam autoridade ao seu discurso (Mateus 7,28,29). A tradição oral perdurou por décadas no início do cristianismo, até que as informações sobre a atuação e vida de Jesus se transformassem em escritos, primeiramente com Marcos e então com os demais Evangelhos (Schmid; Schröter, 2023, p. 289). O processo de transição do modelo oral para o escrito se deu – e isso em todos os escritos neotestamentários, independentemente do seu gênero literário – entre outros fatores, pela necessidade de fornecer às comunidades “critérios de diferenciação entre concepções ‘ortodoxas’ e ‘heréticas’” (Schmid; Schröter, 2023, p. 269). Ao mesmo tempo, os diferentes escritos foram elaborados segundo o propósito de cada pessoa autora, considerando a realidade das pessoas destinatárias e comunidades específicas. Era necessário que o evento de Jesus Cristo fosse conectado à realidade da vida comunitária e que a experiência religiosa fosse, a partir dele, reinterpretada e doravante determinada.

Mesmo antes do surgimento dos evangelhos, as cartas, como as escritas pelo apóstolo Paulo, foram documentos circunstanciais em que a experiência de fé foi sendo elaborada e construída como uma nova “oferta de identidade” (Schnelle, 2017, p. 34-35), possibilitando que cada comunidade se estruturasse a partir da pregação do Evangelho.

[...] os documentos do Novo Testamento (os Evangelhos, os Atos e o Apocalipse, assim como as Epístolas) foram escritos a partir de uma situação específica. E essa situação tinha particularmente a ver com as circunstâncias em que se encontrava o próprio autor e especialmente as de seus supostos leitores, e era em geral uma combinação de ambas as situações (Stott, 2000, p. 29).

No processo de elaboração das experiências de fé dos indivíduos e das comunidades, seu fortalecimento, orientação e conexão ao evento de Cristo, surgiram as cartas que compõem a Bíblia cristã.

As epístolas do Novo Testamento são documentos vivos do período missionário da igreja primitiva. Elas possibilitam um vislumbre fascinante da interação entre os missionários fundadores de igrejas, como Paulo, e a igreja que eles fundaram [ou, em alguns casos, não] (Köstenberger; Patterson, 2015, p. 210).

Essas comunidades cristãs nasceram e se desenvolveram a partir do judaísmo em Jerusalém e comunidades da diáspora, avançando posteriormente para outros contextos geográficos e culturais. “O cristianismo surgiu dentro do judaísmo e está firmemente conectado aos seus escritos e tradições” (Schmid; Schröter, 2023, p. 223). É provável que desde muito cedo as cartas de Paulo circulassem nas diferentes regiões do Império Romano e que uma coleção de cartas tenha sido iniciada pelo próprio apóstolo ou por um de seus cooperadores, compreendendo a carta aos Romanos, 1. e 2. Coríntios e Gálatas (Arzt-Grabner, 2013, p.14).

A elaboração teológica desenvolvida nas cartas genuinamente paulinas (Romanos, 1. e 2. Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1. Tessalonicenses, Filemon), e aquelas surgidas no contexto da “escola paulina”, foi fundamental para a formação de uma tradição cristã. Paulo não intenciona “escrever escritura” e, num sentido mais formal, por meio da historiografia, formar e oferecer identidade, como fez o seu possível cooperador, autor da obra historiográfica lucana (Lc-At) numa espécie de “*mimesis* da Septuaginta”. Por meio de sua diatribe, claramente detectável na carta aos Romanos, Paulo elabora sua experiência de fé e das comunidades às quais se dirige a partir do que ele mesmo recebe como escritura, a saber, das escrituras judaicas. A tradição judaica, da qual Paulo se entendia como “fiel representante” (Filipenses 3.2ss.), é reinterpretada em seus escritos à luz de sua experiência pessoal a caminho de Damasco. Sua experiência de conversão é fundamental para a formação de sua teologia, pois a partir dela:

[...] uma nova certeza existencial se desenvolveu para o fariseu Paulo, em cujo centro não estava mais a eleição de Israel de entre os povos, mas Jesus Cristo, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos e estabeleceu como Filho e *Kyrios* e a quem ele assim equipou com uma reivindicação de senhorio universal [tradução nossa]¹ (Wolter, 2011, p. 27-28).

A diferença fundamental entre a tradição cristã e o judaísmo, no que diz respeito à interpretação dos textos normativos judaicos, é que, para a Igreja cristã, esses são fundamentais e indispensáveis se lidos e interpretados à luz da pessoa e obra de Jesus Cristo, como se depreende da própria obra de Paulo. “No seu centro está a convicção de que a salvação de Deus é mediada pela ação de Jesus e de que a fé em Jesus Cristo leva à salvação” (Schmid; Schröter, 2023, p. 267). De forma muito orgânica,

[...] ao lado dos escritos normativos do judaísmo apareceram no cristianismo primitivo textos próprios, que igualmente alcançaram *status* de autoridade, normativo. [...] os escritos normativos do judaísmo

¹ Dem Pharisäer Paulus wurde eine neue Existenzgewissenheit erschlossen, deren Mitte nicht mehr Israels Erwählung aus den Völker bzw. Das Gegenüber von Israel und den Völker war, sondern Jesus Christus, den Gott von den Toten auferweckt und als Sohn und *Kyrios* eingesetzt hat und den er dadurch mit einem universalem Herrschaftsanspruch ausgestattet hat.

ganharam uma nova posição, renunciando a ação de Deus por meio de Jesus Cristo, ou a atuação e o destino de Jesus. O surgimento da Bíblia Cristã só pode ser compreendido sob este duplo pressuposto: a apropriação e nova interpretação dos escritos de Israel, bem como o surgimento de tradições e escritos próprios. (Schmid; Schröter, 2023, p. 268-269).

Ao transpor as barreiras culturais e religiosas do judaísmo, as comunidades cristãs enfrentaram o desafio de acolher pessoas de outros contextos étnico-culturais que aderiram à fé cristã, os assim chamados gentios, a exemplo da comunidade cristã em Roma. A tese central de Paulo em Romanos (1.16-17) e a primeira parte de sua argumentação na carta mostram o quanto a elaboração da relação entre judeus e gentios, como partes do mesmo povo de Deus, se fazia urgente. Tal necessidade levou a Igreja primitiva a promover um primeiro Concílio (Atos 15; Gálatas 2.1ss.) que debateu acerca da necessidade de imposição de determinadas práticas religiosas judaicas aos convertidos de origem gentílica. De fato, é assim que

[...] embora no início de seu ministério ele [Paulo] tenha defendido o evangelho contra os oponentes que afirmavam que os convertidos gentios tinham de continuar obedecendo à lei judaica (os judaizantes), esse problema foi resolvido no Concílio de Jerusalém (Köstenberger; Patterson, 2015, p. 464).

Paulo se tornou um missionário proeminente entre os gentios e desempenhou um papel fundamental na busca da unidade da comunidade cristã, formada por judeus e gentios, como atesta a carta aos Romanos. Mas para além da problemática da unidade, a carta aos Romanos recebe destaque entre os escritos do Novo Testamento por ser “a mais longa e teologicamente mais significativa das cartas de Paulo” (Carson; Moo; Morris, 1997, p. 267), contribuindo para a construção da identidade da recém-nascida Igreja, com desdobramentos importantes até os dias atuais.

Romanos possui um significado especial na história do pensamento cristão, a começar pela trajetória teológica do próprio São Paulo. Ele a escreveu em uma situação especial que exigia a apresentação completa de sua pregação do Evangelho, a fim de trazer sua interpretação do núcleo da mensagem cristã para que outros grupos na Igreja primeva não só a tolerassem como base de sua missão aos gentios, mas também a reconhecessem e aceitassem como fundamento comum da Igreja que se formava a partir de judeus e gentios (Rieth, 2003, p. 237).

A autoria paulina da carta aos Romanos é pouco contestada pela pesquisa crítica (Cf. Carson; Moo; Morris, 1997, p. 269). Quanto aos destinatários, informações presentes na carta indicam que se tratava de pessoas pertencentes à Igreja estabelecida na cidade de Roma, capital do Império (Carson; Moo; Morris, 1997, p. 271), provavelmente composta de diferentes comunidades formadas a partir das sinagogas judaicas (Cf. Dunn, 1988, p. xlvi). A carta possivelmente foi escrita em meados dos anos 50 d.C. (final de 56 ou início de 57 d.C. Cf. Dunn, 1988, p. xliii-xlv). O objetivo geral seria estabelecer na comunidade cristã de Roma um ponto de apoio (logístico e teológico) à viagem missionária de Paulo à Espanha. A comunidade em Roma serviria também como apoio e respaldo contra grupos judaizantes que queriam isolar e combater o trabalho do apóstolo dos gentios, considerando-o um destruidor das prerrogativas judaicas. (Preuß; Berger, 2003, p. 292-294).

Ao trabalhar elementos fundamentais que promovem o Evangelho de Jesus Cristo, apresentando implicações práticas que a adesão à sua mensagem traz, a carta aos Romanos acentua o caráter abrangente e inclusivo da pessoa e obra de Jesus Cristo. Ele é o centro do Evangelho anunciado, o poder de Deus que justifica pessoas pecadoras de diferentes realidades socioculturais exclusivamente pela fé (Romanos 1.16-17), criando entre elas um vínculo de pertencimento que não resulta da uniformidade étnico-cultural ou da assimilação de determinados ritos e regramentos religiosos, mas da ação de Deus em Jesus Cristo. Assim

como judeus piedosos são colocados por Paulo sob a marca do pecado (Romanos 2.1ss.), também os gentios “impiedosos”, estão sob a marca da salvação pelo caminho da fé em Jesus Cristo (Romanos 3.29-30).

A comunidade cristã na capital do Império, centro da política, do direito e da pluralidade cultural e religiosa tolerada sob a *pax romana*, torna o conteúdo da carta indispensável para a reflexão sobre a identidade cristã e sua missão. “À carta é atribuído o caráter de síntese da pregação paulina e, conseqüentemente, da pregação apostólica como um todo” (Rieth, 2003, p. 238). A distância relativa entre a comunidade de Roma e o apóstolo parece ter se tornado uma oportunidade para a elaboração de sua própria identidade entre dois mundos, entre as diversas formas de expressão do judaísmo em seu tempo e sua experiência pessoal.

Sugere-se que Paulo trate de problemas específicos da realidade comunitária de Roma somente no capítulo 14, quando argumenta a respeito da liberdade cristã diante da problemática relacionada ao consumo de carne sacrificada aos ídolos por pessoas cristãs de origem gentílica. Este é um assunto recorrente em outros escritos neotestamentário (Atos e Gálatas por exemplo) e sua dimensão e importância, bem como as perspectivas resultantes da reflexão teológica de Paulo sobre o assunto, juntam-se àquelas relativas à circuncisão e à observância do sábado, como “marcadores de fronteira” (Dunn, 2011, p. 38) dos judeus – não tão explorados por Paulo na carta aos Romanos como em Gálatas – e desafiam a atualização do tema da liberdade cristã, da relação entre fé e cultura, identidade cristã e vivência do Evangelho em meio à pluralidade cultural e religiosa na contemporaneidade.

A carta aos Romanos na história da Igreja e da Teologia cristã

A relevância e influência da carta aos Romanos para o desenvolvimento da Igreja cristã transcende a esfera normativa e teológica. Sua mensagem tem o poder de impactar existencialmente a pessoa em sua condição diante de si mesma, de Deus, das outras pessoas e da criação, tendo destaque em toda a Escritura no que diz respeito à espiritualidade e à vida cristã. A carta marcou profundamente a biografia de pessoas importantes na tradição cristã ao longo dos séculos. A lista inclui nomes como Agostinho, Martinho Lutero e Karl Barth, numa longa lista de pessoas com contribuições à teologia em diferentes momentos da história, sem mencionar as pessoas anônimas que foram profundamente impactadas pelo conteúdo da carta (Stott, 2000, p. 14-19).

Embora não seja um sumário não-temporal da teologia paulina, assim mesmo Romanos está muito menos preso a circunstâncias específicas do século I do que praticamente qualquer outro livro do Novo Testamento (Carson; Moo; Morris, 1997, p. 286).

Analisar a relevância da carta ao longo da história da Igreja e tradição cristã exige considerar os aspectos que envolvem tanto a elaboração teológica abrangente que a carta propõe quanto a sua exposição explícita do Evangelho, que afeta a pessoa humana em sua totalidade, reposicionando a pessoa em seus múltiplos relacionamentos.

Ao propor uma reconstrução histórica sucinta da influência da carta na Igreja cristã, Rieth argumenta que as cartas de Paulo, especialmente Romanos, foram consideradas de difícil compreensão para as comunidades nos primeiros dois séculos (RIETH, 2003, p. 238).

Até o século III, Romanos não teve significado central na teologia cristã. No cristianismo oriental, principiando com Orígenes, a exegese procurou compreender a teologia do apóstolo no contexto do pensamento grego, buscando seu método na filosofia de então e legando sucessivos comentários aos

textos paulinos. O ensino sobre justificação não teve grande repercussão no pensamento ocidental até os séculos IV e V (RIETH, 2003, p. 239).

A partir de Agostinho (354-430), a carta aos Romanos passou a receber atenção especial. Embora tenha desempenhado um papel decisivo na biografia do próprio pensador, sendo decisiva para a sua adesão à fé cristã, o que aproximou Agostinho do conteúdo da carta foram os embates que teve com diversos pensadores de sua época (HAACKER, 2003, p. 153).

Assim, a recepção de Agostinho de Romanos é uma mistura de uma redescoberta da própria teologia de Paulo e uma releitura segundo certas necessidades sentidas por um bispo local e respeitado professor da Igreja nas lutas de sua época [tradução nossa]² (HAACKER, 2003, p. 153).

Bosch destaca que “Agostinho foi o primeiro teólogo que levou a sério o ensinamento paulino sobre a justificação pela fé” (BOSCH, 2014, p. 267) e que tal posicionamento, a partir da interpretação da carta aos Romanos, surge como reação à posição de Pelágio (350–423), que “sustentava uma concepção decididamente otimista da natureza humana e de sua capacidade de atingir a perfeição” (BOSCH, 2014, p. 266-267).

Em reação a isso, Agostinho elaborou uma concepção teológica global, baseada na doutrina paulina da justificação, que se impôs na Igreja ocidental. Esta entrou para a tradição teológica, sendo conhecida como a “doutrina da graça” (RIETH, 2003, p. 239).

A influência da teologia de Agostinho adentrou o mundo medieval, colocando a teologia paulina em posição de destaque. Rieth sugere que “a Suma Teológica de Tomás de Aquino só pode ser compreendida levando-se em conta a teologia paulina transmitida por Agostinho” (RIETH, 2003, p. 239).

No contexto da Reforma Protestante do século XVI, é notória a influência do pensamento de Paulo nas posições teológicas dos reformadores. A carta aos Romanos desempenharia um papel essencial neste processo. Destaca-se o papel de Martinho Lutero como grande propagador de uma nova “fase na recepção do pensamento de Paulo” (RIETH, 2003, p. 239). Em seu prefácio de 1546 à carta aos Romanos, o reformador comentou:

Esta epístola é, sem dúvida, o escrito mais importante do Novo Testamento e o mais puro Evangelho. É digno e merecedor de que o cristão não só o conheça de cor, palavra por palavra, mas também com ela se ocupe diariamente, como pão diário para a alma, pois jamais poderá ser lida ou contemplada em demasia (LUTERO, 2003, p. 129).

Assim como Agostinho, o profundo interesse de Lutero pelo pensamento de Paulo e pela carta aos Romanos estava intimamente ligado à sua história pessoal e aos seus embates teológicos com pensadores e com a Igreja de seu tempo (HAACKER, 2003, p. 153). Lutero era um estudioso da Bíblia e analisou os textos da carta e suas minúcias. Temos acesso à sua interpretação de Romanos na mesma edição em que se encontra seu prólogo à carta (LUTERO, 2003, p. 254-330). Em seu escrito, o reformador se ocupou em esclarecer termos-chave para a compreensão da carta, pois sem compreender corretamente a linguagem e o que o apóstolo entende por “lei, pecado, graça, fé, justiça, carne, espírito e similares, [...], de nada adiantará a leitura” (LUTERO, Martinho, 2003, p. 130). Não seria correto reduzir toda a elaboração e reflexão teológica de Lutero apenas com base na carta aos Romanos, ou mesmo na doutrina da justificação pela fé, mas, segundo H. Oberman, “sua

² Thus, Augustine’s reception of Romans is a mixture of a rediscovery of Paul’s own theology and a re-reading according to certain needs felt by a local bishop and respected teacher of the Church in the struggles of his day.

reinterpretação de Romanos 1.16s permaneceu o fundamento e a pedra angular de toda a sua vida e teologia” (OBERMAN *apud* BOSCH, 2014, p. 294).

Também em Lutero é possível depreender que a justificação por graça mediante a fé é decisiva para a transposição de barreiras culturais e religiosas, como testemunhou o apóstolo Paulo, sendo que o conceito de graça rompe com quaisquer méritos humanos, em particular étnico-religiosos. A fé, como a concebeu Lutero, a rigor não é piedade (ou religiosidade), pois esta pode se caracterizar como profundamente egocentrada (esta é a crítica de Lutero à ética monástica medieval). Para Lutero, a fé é confiança e exige o rompimento com uma piedade/religiosidade autocentrada e, não raramente, autorreferenciada (BAYER, 2007, p. 77-86). Fé tira a pessoa de seu centro (Lutero denomina de *incurvatus in se*), e a coloca em outro centro, a saber, em Jesus Cristo. Assim como o pecado original se manifestou na incredulidade e fechamento do ser humano, a justiça original, para a qual, em Jesus Cristo, Deus quer restaurar a pessoa, se caracteriza pela confiança, portanto, pelo inter-relacionamento (LUTERO, 2014, p. 108 *et passim*). É neste sentido que Lutero, na sua interpretação da carta aos Romanos, não somente concebe a fé em Deus, mas também no próximo, pois a fé é a base para a comunhão e ética cristã. Assim, segundo Lutero:

Pela fé em Deus alguém se torna justo, porque ele o reconhece como verdadeiro Deus no qual ele crê e confia. E por meio da fé em seu próximo, alguém é considerado fiel, verdadeiro e digno de confiança; ele tornou-se para o seu próximo aquilo que Deus se tornou para ele próprio. E esta fé no próximo também é chamada de fé ativa; e através dela que ele confia no próximo. A natureza desta é que, se alguém age de modo diferente daquilo que crê, ou se duvida do seu próximo, ele se torna culpado diante dele, visto que não faz por ele aquilo que lhe prometeu, da mesma forma como peca contra Deus quando suas ações diferem daquilo que lhe foi dito ou daquilo que ele crê (Lutero, 2003, p. 328).

No século XX, a carta aos Romanos voltou a ganhar destaque, servindo de inspiração para novas reflexões e debates, com implicações para a teologia e para a própria Igreja Cristã. O nome proeminente desta vez é o do teólogo suíço Karl Barth (1886-1968), cuja publicação de um comentário sobre a carta aos Romanos em dezembro de 1918 deu um forte impulso a um novo movimento teológico. A carta serviu como “um instrumento para um tipo diferente de ‘conversão’ – não de um indivíduo, mas de grande parte da teologia protestante nas faculdades e no púlpito” [tradução nossa]³ (Haacker, 2003, p. 158). Conversão, nesse contexto, é no sentido de apresentar um contraponto à herança da teologia liberal que dominou a formação teológica no século XIX (Haacker, 2003, p. 158).

A corrente principal desta teologia foi dominada por premissas filosóficas de Kant ou Hegel. Entendia-se que a principal tarefa da Igreja era cooperar com as principais forças da cultura geral e contribuir para o progresso moral da sociedade. A adesão de Barth a esta tradição e seu respeito por seus professores acadêmicos foi quebrado quando ele descobriu seus nomes sob um memorando que endossou o militarismo do Imperador Guilherme II no início da Primeira Guerra Mundial. A crescente barbárie desta guerra expôs a ideia de progresso moral como uma ilusão. Além disso, toda a catástrofe emergiu das assim chamadas “civilizações cristãs” que eram consideradas responsáveis para a progressiva realização do reino de Deus! Esta falência moral e espiritual exigiu uma revisão radical da relação entre Igreja e sociedade entre teologia e filosofia [tradução nossa]⁴ (Haacker, 2003, p. 158).

³ Paul's Letter to the Romans was instrumental in a different kind of 'conversion' – not of an individual but of large parts of Protestant theology in faculties and in the pulpit.

⁴ The mainstream of this theology was dominated by philosophical premises from either Kant or Hegel. The primary task of the Church was seen as to cooperate with the leading forces of general culture and to contribute to the moral progress of society. Barth's adherence

Barth propôs uma reorientação bíblica e teológica. O Deus de Jesus Cristo é o “totalmente outro” daquele que se apresenta entranhado nas emoções da pessoa humana ou naquilo que essa possa produzir. Cristo e a cultura precisam ser devidamente distintos. As posições de Barth aparecem em seu comentário aos Romanos, cujas ênfases estão diretamente relacionadas a uma soteriologia centrada na pessoa e obra de Jesus Cristo e numa ética que resulta da identificação pessoal com a realidade da morte e ressurreição de Jesus Cristo, implicando numa compreensão de salvação e a ética que não resultam da ação ou capacidade humana, mas dependem inteiramente de Deus (Haacker, 2003, p. 160).

[...] todas as tentativas de construir ou mediar aspectos desta revelação por esforços intelectuais ou emocionais não apenas falha, mas desvia-se e afasta-se da verdadeira revelação de Deus que é atestado nas Escrituras e que ocorre repetidamente quando e onde agrada ao Espírito. [tradução nossa]⁵ (Haacker, 2003, p. 160).

Na sua reflexão sobre a carta aos Romanos, Barth reposicionou o lugar das Escrituras como revelação de Deus, que aponta para uma cristologia que se torna o fundamento da justificação da pessoa pecadora pela fé e propõe uma ética cristã que deriva da confiança em Deus.

Cabe ainda apresentar perspectivas atuais sobre o pensamento de Paulo e a carta aos Romanos com novas possibilidades e ênfases de interpretação e compreensão. “Em 1963, o professor luterano Kristen Stendahl [...] sustentava que a compreensão tradicional de Paulo em geral e de Romanos em particular – a saber; que o enfoque dos dois reside na justificação pela fé – está errada” (Stott, 2000, p. 20).

A justificação, de acordo com Stendahl, não é “o princípio ou o conhecimento doutrinário perspicaz e organizador de Paulo”, mas “foi um conceito lançado por Paulo com o propósito muito específico e limitado de defender os direitos dos convertidos de serem plena e genuinamente herdeiros das promessas de Deus (Stott, 2000, p. 20).

A Nova Perspectiva sobre Paulo - NPP, corrente da interpretação dos escritos de Paulo que recebe sua designação a partir de James Dunn (Kibuuka, 2011, p. 9), lança um novo olhar especialmente sobre a questão da interpretação das “obras da lei” nos escritos paulinos. Segundo a Nova Perspectiva, a problemática em torno das “obras da lei” estaria ancorada não em questões soteriológicas e na cristologia paulina, mas na eclesiologia e missiologia. Ao tratar das “obras da lei” Paulo não estaria preocupado com uma consciência individual marcada pela pergunta por boas obras que agradariam a Deus e levariam à salvação, mas com “marcadores de fronteiras” do povo judeu frente às pessoas de origem gentílica, a saber, a circuncisão, a observação do sábado e as leis alimentares. Segundo a NPP, o apóstolo dos gentios, com uma consciência mais robusta que a do seu ilustre intérprete medieval, Lutero, viveria sob um “*nomismo da Aliança*” (Sanders, 1977, p. 75) e não estaria tão preocupado com o efeito devastador da autojustificação por meio das “obras da lei”. Seu olhar estaria voltado para a unidade das comunidades formadas por judeus e gentios (Dunn, 2011, p. 215-229). O rompimento ou a relativização de barreiras construídas a partir de

to this tradition and his respect for his academic teachers was broken when he found their names under a memorandum which endorsed the militarism of Emperor Wilhelm II at the outbreak of the First World War. The increasing barbarism of this war exposed the idea of moral progress as an illusion. Moreover, the whole catastrophe emerged from so called Christian civilizations which had been regarded as the progressive realization of the kingdom of God! This moral and spiritual bankruptcy called for a radical revision of the relationship between Church and society as between theology and philosophy.

⁵ Moreover, all attempts to construct or to mediate aspects of this revelation by intellectual or emotional endeavors not only fail but go astray and lead away from the true revelation of God which is attested in Scripture, and which occurs again and again when and where it pleases the Spirit.

determinada cultura religiosa estaria no centro do pensamento paulino. Uma vez tratadas adequadamente, levariam à solução de conflitos nas comunidades. O ponto de partida para a teologia de Paulo não estaria na cristologia e soteriologia, como tradicionalmente defendidas pela maioria dos representantes da teologia protestante alemã, mas a base do pensamento de Paulo seria a eclesiologia e a missiologia.

Embora se possa reconhecer que o tema da justificação pela fé não é a única preocupação de Paulo na carta aos Romanos, não seria razoável reduzir os capítulos 1-8 da carta, que trata detalhadamente da justificação, como um mero prefácio (Stott, 2000, p. 20) dos capítulos onde Paulo busca conciliar as tensões existentes na Igreja entre as pessoas cristãs de origem gentílica e judaica. Como Stott acertadamente aponta, esta é uma antítese desnecessária (Stott, 2000, p. 20). “É na verdade as duas coisas, longe de serem incompatíveis, são intrinsecamente ligadas. Somente a fidelidade ao evangelho pode garantir a unidade da igreja” (Stott, 2000, p. 20).

Há ainda uma última consideração a ser feita sobre a carta aos Romanos. Embora no contexto da Reforma as implicações teológicas resultantes em grande parte da interpretação da carta tenham levado à separação entre a Igreja Católica Romana e as Igrejas Protestantes, isso não diminui a importância nem compromete a relevância da carta para a história da Igreja cristã. Haacker destaca que atualmente um número considerável de teólogos católicos revisitam temas debatidos durante o período da Reforma e se dedicam a escrever comentários que demonstram não apenas profundo conhecimento, mas enorme simpatia pelo conteúdo da carta aos Romanos (Haacker, 2003, p. 165).

A relevância da carta aos Romanos para a atuação e testemunho da Igreja cristã contemporânea

Considere-se a distinção e a possível relação entre Evangelho e cultura como elementos pertinentes para a Igreja contemporânea diante de um mundo globalizado e conectado, onde diferentes culturas se encontram e se relacionam. Ao desenvolver os elementos centrais que promovem o Evangelho de Jesus Cristo, a carta aos Romanos enfatiza o caráter abrangente e inclusivo da pessoa e obra de Jesus Cristo, que justifica pessoas pecadoras única e exclusivamente pela fé, alcançando pessoas de diferentes realidades socioculturais, criando um vínculo de unidade que não é fruto de uniformidade cultural ou religiosa. Trata-se de uma unidade centrada no Evangelho, que é o fator agregador da fé cristã em meio à pluralidade cultural, social e religiosa presente no mundo romano, algo descrito em praticamente todos os escritos do Novo Testamento, mas ainda mais evidente no modo como Paulo desenvolve a sua apresentação do Evangelho na carta aos Romanos. “A unidade [...] era mais do que um valor simbólico, [...] isso era um aspecto fundamental na sua pregação do evangelho” (Köstenberger; Patterson, 2015, p. 465). Para Paulo não há distinção entre gentios e judeus (Rm 10.12), uma vez que todos estão sob a realidade da queda e precisam da redenção em Cristo Jesus.

A distinção entre cultura e Evangelho, bem como a correta e necessária relação entre ambos, serve como critério para a inserção e interação da Igreja cristã no contexto em que está inserida a partir da carta aos Romanos (Martins, 2023, p. 71).

As verdades do evangelho não são produto de determinada cultura, e elas julgam todas as culturas humanas. Se nos esquecermos da primeira verdade - a de que não existe apresentação do evangelho isenta de cultura -, acharemos que existe apenas uma forma de comunicá-lo e estaremos a caminho de um conservadorismo rígido e culturalmente atado. Se nos esquecermos da segunda verdade - a de que existe apenas um único evangelho -, podemos cair no relativismo, que resultará em liberalismo sem rumo. De qualquer forma, seremos menos fiéis e frutíferos em nosso ministério (Keller, 2014, p. 113).

Qualquer reflexão teológica que procure promover a aproximação, diálogo e cooperação entre as diferentes correntes da tradição cristã precisa distinguir e relacionar o Evangelho, considerando não só os múltiplos aspectos culturais presentes no mundo e as questões particulares que determinam as concepções religiosas e dogmáticas presentes nas muitas correntes teológicas e tradições que, diante da centralidade do Evangelho, tornam-se secundárias.

A insensibilidade para tal empreendimento, ao longo da história, fez com que a Igreja cristã sofresse com rupturas, divisões e até guerras religiosas (Goheen, 2014, p. 28), com danos irreparáveis para o testemunho da fé cristã, uma vez que se deu maior valor a elementos específicos que diferenciam do que ao Evangelho que une. Distinguir os elementos centrais da mensagem evangélica de aspectos secundários que envolve a fé cristã é um desafio que se impõe à Igreja cristã como um todo num mundo globalizado, pluricultural e multiconfessional. “[...] não existe apenas uma única maneira universal de expressar a fé cristã para todo o mundo e em todas as culturas” (Keller, 2014, p. 113).

A carta aos Romanos é um manifesto ao diálogo e à cooperação cristã com base no Evangelho, “[...] um compromisso com o evangelho bíblico e a capacidade de aplicar o evangelho às mentes e aos corações, com o propósito de gerar vida, luz e poder à igreja” (Keller, 2014, p. 448). A contribuição de Karl Barth ao determinar a distinção entre cultura e revelação, oferece subsídios importantes para debates atuais sobre a relação entre a política brasileira e a Igreja cristã, com base nas considerações apresentadas na Declaração Teológica de Barmen.

Outro ponto importante da carta aos Romanos apresenta é a mensagem da justificação pela fé, principalmente um mundo em que questões como pecado e salvação foram retiradas do horizonte da pessoa pós-moderna e relegadas a um aspecto privado e subjetivo. Os conceitos bíblicos de Queda e Rebelião humana contra Deus é tema crucial na antropologia bíblica do Novo Testamento, apresentado por Paulo em Romanos 1 e 2. Esses recebem nuances e significados novos à luz da pluralidade cultural e religiosa. Na perspectiva paulina, a Queda perverteu não apenas a pessoa individualmente, mas afetou toda a criação em suas múltiplas relações, gerando caos, injustiças, desordem, miséria e morte. O pecado não é apenas uma questão moral, mas uma condição que afeta a pessoa e todas as estruturas presentes na criação. A mensagem da justificação pela graça mediante a fé enfatiza a ação redentora do Criador que busca restaurar toda a sua criação ao seu estado original de perfeição, dignidade e harmonia (Romanos 8.18ss.), diferente da proposta materialista de justificação, que se orienta pelo consumismo, pela lógica do mercado, oferecendo uma suposta justificação e redenção às pessoas “perdidas” através de um ideal de saúde, prosperidade, imagem perfeita entre outras promessas centradas exclusivamente na individualidade e na satisfação pessoal. “A salvação [...] é uma questão do futuro e da própria intervenção final de Deus” [tradução nossa]⁶ (Haacker, 2003, p. 171).

A mensagem da justificação confronta os parâmetros individualistas e egocentros, que reduz o pecado a debilidades morais e ou materiais a serem superadas. Em Cristo converge toda a criação e as pessoas, com suas particularidades, sem individualismos e espiritualidades egocentros. Essa é a marca distintiva da comunidade cristã que contrasta com o tempo presente. Na cristologia e na soteriologia da carta aos Romanos a vida em comunhão é possível. A carta apresenta a possibilidade de judeus e gentios na mesma comunidade, irmãos e irmãs no pecado e na necessidade de salvação. Essa visão representou uma mensagem inovadora à época e desafia a Igreja contemporânea no mesmo sentido. Dietrich Bonhoeffer, ao escrever sobre a comunhão na vida comunitária cristã, afirma que ela não consiste no que alguém é em si

⁶ Salvation in the full sense of the word is a matter of the future and of God's own final intervention.

como pessoa, em sua espiritualidade e piedade. A fraternidade é determinada por aquilo que alguém é a partir de Cristo e a comunhão cristã resulta essencialmente da obra de Jesus Cristo. “Comunhão cristã é comunhão por meio de Jesus Cristo e em Jesus Cristo” (Bonhoeffer, 1997, p. 12).

Nossa comunhão consiste unicamente no que Cristo fez [...]. Comunhão com o outro eu a tenho e a terei só por Jesus Cristo. [...] Quem deseja mais do que Cristo estabeleceu entre nós, esse não procura fraternidade cristã, esse só busca quaisquer experiências extraordinárias em companhia de outros, experiências que não pode encontrar em outra parte. (Bonhoeffer, 1997, p. 16).

Michael W. Goheen aprofunda as implicações para a vida e o testemunho da Igreja com base na unidade em Cristo: “A igreja primitiva derrubou as barreiras que haviam sido erigidas no mundo antigo entre ricos e pobres, homens e mulheres, escravos e livres, gregos e bárbaros, em uma criativa e desconcertante ‘impossibilidade sociológica’” (Goheen, 2014, p. 24).

[...] a mensagem dos romanos é relevante não só porque proclama um conjunto diferente de padrões morais [...], mas sim porque oferece uma base mais profunda da ética e motivações mais fortes para colocar bons princípios em prática. [...] a ética de Romanos repousa e flui de nossa gratidão pelo que Deus fez por nós em Cristo. [tradução nossa]⁷ (Haacker, 2003, p. 170).

Assim, a carta aos Romanos representa um desafio e um incentivo para o testemunho e a atuação da Igreja cristã, ao promover a centralidade do Evangelho. Toda existência humana passa a ser entendida a partir do Evangelho. Haacker define esse modo de ser e viver afirmando que, como resposta ao Evangelho, “[...] a existência humana é restaurada à sua responsabilidade para usar, preservar e desfrutar do mundo que nos foi confiado, para louvar a Deus, agora não só como nosso Criador, mas também como nosso Salvador” [tradução nossa]⁸ (Haacker, 2003, p. 171).

Considerações finais

A carta de Paulo aos Romanos teve e ainda tem um papel central para a Igreja cristã e para a teologia, servindo como referência e de reconhecida relevância para diferentes seguimentos da tradição cristã, inspirando a ação cristã no mundo e o testemunho claro e contundente do Evangelho diante dos desafios presentes num mundo marcado pela realidade da Queda e que precisa de cura e redenção. Revisitar a sua mensagem e contextualizá-la é o desafio permanente para a Igreja e a teologia, na certeza de que assim como aconteceu no passado, hoje também a carta quer desafiar e influenciar a Igreja em seu testemunho e ação.

Referências

BAYER, Oswald. *A teologia de Martim Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

BONHOEFFER, Dietrich. *Vidas em comunhão*. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

⁷ [...] the message of Romans is relevant not only because it proclaims a different set of moral standards, such as peace and justice and tolerance, but rather because it offers a deeper foundation of ethics and stronger motivations for putting good principles into practice. In essence, the ethics of Romans rest on, and flow from, our gratitude for what God has done for us in Christ.

⁸ [...] human existence is restored to its commission to use, preserve, and enjoy the world entrusted to us, but to praise God, now not only as our Creator but also as our Saviour.

BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças no paradigma da missão*. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís M. Sander. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2014.

CARSON, D. A.; MOO, J. Douglas; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

DUNN, James D. G. *A Nova Perspectiva sobre Paulo*. Tradução de Monika Ottermann. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

DUNN, James D. G. Romans 1-8. In: METZGER, B. M.; HUBBARD, D. A.; BARKER, G. W. (Eds.). *Word Biblical Commentary*. Vol 38A. Dallas, Texas: Word Books, Publisher, 1988.

GOHEEN, Michael W. *A igreja missional na Bíblia: luz para as nações*. Tradução de Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014.

HAACKER, Klaus. *The theology of Paul's letter to the Romans*. New York: Cambridge University Press, 2003.

KELLER, Timothy. *Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. Tradução de Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida, 2014.

KIBUUKA, B. G. L. Apresentação à Edição Brasileira. Antigas e Novas Perspectivas sobre Paulo; In: DUNN, James D. G. *A Nova Perspectiva sobre Paulo*. Santo André: Paulus; Academia Cristã, 2011, 9.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. *Convite à interpretação bíblica: A tríade hermenêutica - história, literatura e teologia*. Tradução de Daniel H. Kroker, Marcus Throup, Thomas de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LUTERO, Martinho. A Epístola do Bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003. v. 8, p. 254-330.

LUTERO, Martinho. Prefácio à Epístola de S. Paulo aos Romanos - 1546. In: *Obras Seleccionadas: interpretação bíblica - princípios*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003. v. 8, p. 129-141.

LUTERO, Martinho. Preleção sobre Gênesis. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2014. v. 12. p. 53-530.

MARTINS, Joelson Erbert. *O sacerdócio geral de todas as pessoas crentes na teologia de Martinho Lutero e Igreja missional: contribuições para a atuação missionária na IECLB*. 138 páginas. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação Faculdades EST (PPG EST), São Leopoldo, 2023.

PREUB, Horst Dietrich; BERGER, Klaus. *Bibelkunde des Alten und Neuen Testaments 2. Zweiter Teil: Neues Testament*. 6. Durchgesehene Auflage. Tübingen; Basel: A. Francke Verlag, 2003.

RIETH, Ricardo W. A epístola do Bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos; Dr. Martinho Lutero. Introdução. In: *Obras selecionadas: interpretação bíblica - Princípios*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003. v. 8. p. 237-254.

SANDERS, E. P. *Paul and Palestinian Judaism: A Comparison of Patterns of Religion*. London: SCM Press, 1977.

SCHMID, Konrad; SCHRÖTER, Jens. *O Surgimento da Bíblia: dos primeiros textos às sagradas Escrituras*. Tradução de Uwe Wegner. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2023.

SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Monika Ottermann. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.

STOTT, John R. W. *Romanos*. Tradução de Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2000.

WOLTER, Michael. *Paulus: Ein Grundriss seiner Theologie*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2011.

RECEBIDO: 28/11/2023
APROVADO: 29/08/2024

RECEIVED: 11/28/2023
APPROVED: 08/29/2024